

SANTIAGO POSTEGUILO EU, JÚLIA

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para Lisa e Elsa, por tudo

*She speaks always in her own voice
Even to strangers; but those other women
Exercise their borrowed, or false, voices
Even on sons and daughters.*

*She can walk invisibly at noon
Along the high road; but those other women
Gleam phosphorescent – broad hips and gross fingers –
Down every lampless alley.*

*She is wild and innocent, pledged to love
Through all disaster; but those other women
Decry her for a witch or a common drab
And glare back when she greets them.*

*Here is her portrait, gazing sidelong at me,
The hair in disarray, the young eyes pleading:
'And you, love? As unlike those other men
As I those other women?'*

The Portrait, ROBERT GRAVES

Ela fala sempre com a sua voz própria
até com os desconhecidos; mas essas outras mulheres
exercitam as suas vozes emprestadas, ou falsas,
com seus filhos e filhas.

Ela pode andar de forma invisível ao meio-dia
pela rua principal; mas essas outras mulheres
brilham fosforescentes – ancas largas e dedos grossos,
por qualquer beco não iluminado.

Ela é selvagem e inocente, comprometida com o amor
para lá de toda a catástrofe; mas essas outras mulheres
acusam-na de ser uma bruxa ou uma vulgar meretriz
e olham-na com fúria quando as saúda.

Aqui está o seu retrato, contemplando-me de soslaio,
o cabelo despenteado, enquanto os seus jovens olhos perguntam:
«E tu, amor? És diferente dos outros homens
como eu das outras mulheres?»

Índice

Agradecimentos	15
Informação importante para o leitor	17
<i>Dramatis personae</i>	19
<i>Prooemium</i>	23

LIBER PRIMUS

CÓMODO

M COMMODVS ANTONINVS PIVS FELIX AVG BRIT

Marcus Commodus Antoninus Pius

Felix Augustus Britannicus

I. Diário secreto de Galeno	29
II. A impulsiva Júlia	32
III. As cinzas de Roma	45
IV. O anfiteatro do mundo	54
V. O governador	72
VI. A pontaria do imperador	77
VII. Ninguém	86
VIII. O medo	92
IX. O plano de todos	96
X. Os cinco candidatos	111

LIBER SECUNDUS

PERTINAX

IMP CAES P HELV PERTIN AVG

Imperator Caesar Publius Helvius Pertinax Augustus

XI. Diário secreto de Galeno	131
XII. Uma proposta inesperada	134
XIII. As soluções de Pertinax	142
XIV. A mensagem de Júlia	149
XV. Os esquecidos	161
XVI. A rebelião	170
XVII. A chegada de Cilo	177
XVIII. A decisão de Quinto Emílio	186

LIBER TERTIUS

JULIANO

IMP CAES M DID IVLIAN AVG

Imperator Caesar Marcus Didius Iulianus Augustus

XIX. Diário secreto de Galeno	195
XX. O leilão de um império	197
XXI. O reencontro	204
XXII. O sacrilégio de cortar a pele	206
XXIII. O império de Juliano	216
XXIV. O mercado de escravos	219
XXV. Um segundo imperador	227
XXVI. Uma detenção especial	236
XXVII. As irmãs	242
XXVIII. O plano de Juliano	247
XXIX. A despedida	255
XXX. Três imperadores	257
XXXI. A decisão de Albino	265
XXXII. Uma mulher diferente	270
XXXIII. A defesa de Roma	277
XXXIV. O mensageiro de Juliano	284

Eu, Júlia

XXXV. A lenta agonia	294
XXXVI. <i>A theriaca</i>	303
XXXVII. Um homem diferente	307
XXXVIII. <i>Expeditio urbica</i>	311
XXXIX. A maldição da <i>Domus Flavia</i>	314
XL. O perfume do poder	327

LIBER QUARTUS

NÍGER

IMP CAES C PESC NIGER IVST AVG

Imperator Caesar Gaius Pescennius Niger Iustus Augustus

XLI. Diário secreto de Galeno	333
XLII. A decisão de Júlia	336
XLIII. A guerra total	345
XLIV. Reencontros	353
XLV. A batalha de Isso	369
XLVI. A vaidade de Galeno	399
XLVII. A derrota de um imperador.	406
XLVIII. Os anseios de Severo	416
XLIX. As legiões de Júlia.	425
L. A chuva do Norte	444
LI. <i>Expeditio mesopotamica</i>	446
LII. <i>Mater castrorum</i>	459
LIII. Diário secreto de Galeno	468
LIV. Um novo César	470

LIBER QUINTUS

ALBINO

IMP CAES D CLO SEP ALB AVG

Imperator Caesar Decimus Clodius

Septimius Albinus Augustus

LV. Diário secreto de Galeno	485
LVI. Queda de Bizâncio	488

LVII. <i>Mare Britannicum</i>	499
LVIII. Solucionando	504
LIX. A negociação	508
LX. O plano definitivo	514
LXI. Uma refeição para mudar o mundo	523
LXII. O triste regresso	532
LXIII. Inimigo de Roma	540
LXIV. A força secreta de Severo	542
LXV. Os amigos de Albino	556
LXVI. <i>Princeps iuventutis</i>	561
LXVII. <i>Expeditio gallica</i>	570
LXVIII. A batalha de Lugdunum	574
LXIX. A noite mais longa	585
LXX. A armadilha de Albino	596
LXXI. Quando já nada importa	625
LXXII. Uma cabeça imperial	628
LXXIII. Diário secreto de Galeno	634
LXXIV. A vitória absoluta	637

APÊNDICES

1. Nota histórica	655
2. Mapa do Império Romano (192 d. C. a 197 d. C.).	663
3. Árvore genealógica	667
4. Plantas das batalhas	671
4.1. Batalha de Isso (fase I)	673
4.2. Batalha de Isso (fase II)	674
4.3. Batalha de Lugdunum (fase I)	675
4.4. Batalha de Lugdunum (fase II)	676
5. Glossário de termos latinos e de outras línguas	677
6. Bibliografia	695

Agradecimentos

Um romance como *Eu, Júlia* precisa de um ambiente de colaboração, amizade e apoio familiar para a sua criação. Estou muito grato ao doutor Jordi Piqué pela sua paciência na leitura de um primeiro rascunho desta obra, pelos seus conselhos e sugestões e também ao restaurante El Cellar i l'Aglà de Valência, por nos acolher durante as nossas longas conversas sobre o romance. De igual modo, agradeço ao meu irmão Javier e à sua mulher Pilar por terem dedicado tempo também a ler e a comentar comigo uma das primeiras versões desta narrativa.

Obrigado à catedrática Julita Grau de Valência, por um lado, e ao catedrático Jesús Bermúdez e ao professor Rubén Montañés da Universidade Jaume I de Castellón, por outro, por me auxiliarem com dedicação nas minhas dúvidas relacionadas com diferentes textos e citações em latim e grego. Qualquer erro será imputável apenas à minha pessoa.

Agradeço também à doutora María Noriega e ao Sidney Sussex College por me convidarem na qualidade de *Visiting Scholar* para a Universidade de Cambridge, o que me deu acesso à secção de livros raros (assim se denomina) da dita universidade. Isto permitiu-me consultar e ler um exemplar original de 1903 da única obra literária que, ao que tudo indica, parece existir sobre Júlia Domna escrita antes deste romance.

Os meus agradecimentos a toda a equipa da Agência Literária Carmen Balcells, e em particular a Ramón Conesa, pelo seu constante apoio e orientação em cada um dos meus diferentes projetos literários.

Santiago Posteguillo

Agradeço também a toda a equipa da Editorial Planeta pelo seu minucioso trabalho na edição final da obra.

E, por fim, um agradecimento muito especial, que nunca será suficientemente grande, à minha mulher Lisa e à minha filha Elsa, a quem tanto tempo roubo da minha vida para consagrá-lo a escrever e a investigar quase sem limite racional.

Informação importante para o leitor

Nota histórica e apêndices

O romance *Eu, Júlia* possui uma nota histórica e alguns apêndices no fim do livro. Na nota refere-se com pormenor todo o elevado teor histórico do romance explicitando as fontes empregadas durante a respetiva redação, assim como outras investigações complementares levadas a cabo pelo autor durante três anos de trabalho dedicados a esta narrativa. Recomenda-se que não se leia a nota histórica sem se ter concluído o romance para não se antecipar as reviravoltas relevantes na trama.

O que o leitor pode, na realidade, consultar consoante achar conveniente são os apêndices incluídos neste volume. Neles encontrará diferentes mapas, árvores genealógicas, um glossário de termos latinos e uma bibliografia. O mapa do Império Romano completo com a localização das legiões revelar-se-á muito útil em diversos momentos do relato.

Nota prévia sobre os títulos de *augusto* e *césar*

Hoje em dia, o termo *césar* tornou-se por atribuição popular a forma habitual a que podemos referir-nos a um imperador de Roma, mas o uso deste termo e do vocábulo *augusto* na época de Júlia Domna, isto é, durante o Alto Império Romano, diferia de forma relativa.

No século II d. C. tinha-se estabelecido a tradição de que, dentro da família imperial de Roma, o imperador recebia o título de *augusto*. De maneira ocasional, não sempre, a dignidade de *augusto* podia

estender-se a outro membro da família do imperador, por exemplo, a sua mulher ou uma irmã.

O título de César empregava-se já nesta época para se referir de forma específica ao herdeiro, ao sucessor do imperador.

A utilização destes dois títulos, Augusto para imperador e César para o sucessor, era essencial na organização de uma dinastia imperial. Para dar a conhecer ao povo de Roma e a todos os habitantes do Império quem ostentava cada título em cada período, cunhavam-se moedas que certificavam a dignidade de cada pessoa da família imperial. Todo o Augusto tinha moedas com a sua efígie, em torno da qual se gravavam com letras maiúsculas todos os títulos do imperador. Com frequência, a acumulação de títulos tornava necessário o uso de abreviaturas nestas inscrições numismáticas.

Embora o protótipo fosse que existisse um único imperador com estatuto de Augusto e um único sucessor com estatuto de César, em algumas ocasiões da história imperial de Roma houve mais de um Augusto ou mais de um César ao mesmo tempo. Nestas circunstâncias, houve momentos em que dois Augustos, ou seja, dois coimperadores, governaram de forma coordenada e em paz. Também houve momentos em que um imperador com estatuto de Augusto nomeou dois Césares em simultâneo para assegurar a sucessão no caso do falecimento de um dos Césares.

A natureza humana fez que, com frequência na história do Império Romano, quando coincidiam no poder mais de um Augusto ou quando se havia designado mais de um César, a coexistência fosse tudo menos pacífica.

Dentro do sistema, embora uma mulher pudesse ostentar o estatuto de Augusta se o imperador lho concedesse, este era apenas a título honorífico. As mulheres dos imperadores de Roma nunca tinham poder real nem sobre as legiões nem sobre as grandes decisões de governo. O mesmo é dizer, isto era o que os homens de Roma pensavam e o que está escrito em muitos manuais de História.

Agora vejamos a realidade.

Dramatis personae

A família de Júlia

Júlia Domna, mulher de Septímio Severo
Septímio Severo, governador da Panónia Superior
Bassiano, filho mais velho de Júlia e Severo
Geta, filho mais novo de Júlia e Severo
Júlia Maesa, irmã de Júlia
Alexiano, marido de Maesa
Soémia, filha mais velha de Maesa e Alexiano
Ávita Mameia, filha mais nova de Maesa e Alexiano

Inimigos de Júlia

Cómodo, imperador de Roma
Pertinax, senador
Juliano, senador
Pescénio Níger, governador da Síria
Clódio Albino, governador da Britânia

Mulheres de Roma

Márcia, amante de Cómodo
Ticiano, mulher do senador Pertinax
Escantila, mulher do senador Juliano

Dídia Clara, filha do senador Juliano
Mérula, mulher do governador Pescênio Níger
Salinatrix, mulher do governador Clódio Albino

Pretorianos

Quinto Emílio, chefe do pretório com Cómodo e Pertinax
Marcelo, centurião da guarda com Cómodo
Túlio Crispino, chefe do pretório com Juliano
Flávio Genial, chefe do pretório com Juliano
Táusio, pretoriano tungro
Flávio Juvenal, chefe do pretório com Septímio Severo
Vetúrio Macrino, chefe do pretório com Septímio Severo

Senadores e altos cargos do Império

Eclecto, camareiro de Cómodo
Cássio Dio, senador
Sulpiciano, senador
Tito Sulpiciano, senador, filho do anterior
Hélvio Pertinax, senador, filho de Pertinax
Cláudio Pompeiano, senador
Aurélio Pompeiano, senador, filho do anterior
Lêntulo, *legatus*
Emiliano, *legatus*
Vírio Lupo, governador da Germânia Inferior
Nóvio Rufo, governador na Hispânia

Homens de confiança de Septímio Severo

Plauciano, amigo de infância de Severo
Fábio Cilo, *legatus*
Júlio Leto, *legatus*
Cândido, *legatus*
Anulino, *legatus*

Eu, Júlia

Valeriano, chefe da cavalaria da Mésia
Quinto Mécio, tribuno

Aristocratas partos

Vologeso V, rei dos reis da Pártia
Vologeso VI, primogénito de Vologeso V
Artabano V, segundo filho de Vologeso V
Osroes, terceiro filho de Vologeso V

Outras personagens

Galeno, médico grego da família imperial
Filístion, bibliotecário em Pérgamo
Opélio, oficial na fronteira
Calídio, escravo *atriense* da família Severa
Lucia, filha de colonos da fronteira
Narciso, atleta
Turditano, traficante de escravos
Aquílio Félix, chefe dos *frumentarii*, a polícia secreta de Roma

Prooemium

Diário secreto de Galeno

*Anotações sobre a imperatriz Júlia
e sobre a natureza secreta destas páginas*

Roma, 950 *ab urbe condita*¹

O meu nome é Élio Galeno, educado em Pérgamo e Alexandria. Fui o médico da família imperial de Roma durante anos e assisti como testemunha a numerosos acontecimentos notáveis na minha longa vida. Desse modo, a título de exemplo, posso mencionar que presenciei a queda de uma casta de imperadores e a ascensão de outra. Também acompanhei as legiões de Roma em várias campanhas contra os bárbaros, quer fosse no Norte, para lá do Reno ou do Danúbio, quer fosse nas remotas terras do Oriente. Assisti a duas sangrentas guerras civis, muito sangue derramado em combates nos anfiteatros de meio mundo e numa infinidade de campos de batalha. Por fim, sem dúvida a mais terrível das minhas experiências, assisti aos devastadores efeitos da peste. Muitos são, pois, os acontecimentos de renome que presenciei ao longo da minha existência. Entendo que os historiadores oficiais do Império e outros que se ocupam da recordação do que acontece na existência dos homens levarão em devida consideração cada um destes eventos, ficando, desse modo, todos convenientemente refletidos por escrito para a posteridade. Contudo, sempre me acomete uma dúvida: e Júlia? Recordar-se-á alguém da sua história? Em apenas dez anos deixou de ser uma desconhecida adolescente da cidade de Emesa² na sua Síria natal transformando-se na

¹ Ano 950 desde a fundação de Roma, isto é, 197 d. C.

² Atual Homs, na Síria.

augusta imperatriz de Roma no que pressupõe um deslumbrante *cursus honorum* sem precedentes.

No meu caso, por gratidão e por justiça, atribuí-me uma missão inaudita: decidi contar a sua história desde o princípio, pelo menos, desde o momento em que Júlia Domna chegou a Roma. Em mim não habita nem o sentimento nem a perícia das palavras de um poeta nem de um autor de teatro popular e, embora tenha escrito bastante, sempre foram tratados de medicina, e plantas e poções, de anatomia, de doenças e tratamentos. Escusado será dizer que esta circunstância me situava diante de um problema nunca antes considerado pelo meu intelecto: como se conta a história de uma pessoa? Por que ordem? Numa sucessão cronológica de acontecimentos ou organizando estes de acordo com temáticas afins?

Isto é algo novo para mim e confesso que me senti perdido durante meses neste ponto.

É complexo decidir como se vai contar uma história. Isto é, se se quiser fazê-lo bem, tal como se devem empreender todas as empreitadas em que cada um embarca. O que implica, no caso em questão, evitar ser um desses que se aventuram no relato sem antes considerar bem como organizar as ideias. Se alguém mostra propensão para semelhante desatino, então o melhor é que nem dê início à tarefa. Por isso, dediquei tempo, esforço e engenho a pensar sobre esta questão: como contar a história de Júlia Domna, a imperatriz mais poderosa de Roma?

Estive a ponderar sobre que elementos ou traços definem uma pessoa: uns dizem que é o seu carácter, que tão relacionado está com os humores e com a saúde, mas estas características técnicas são as que nos interessam a nós, médicos. Eu não escrevo agora esta história para outros cirurgiões. A eles deixo-lhes os meus manuais e tratados da arte de Asclépio, por menorizados e exaustivos. Limitados também. Só eu sei o quanto isso me dói, mas começo a dispersar-me. Mais tarde voltarei a este ponto, às fronteiras impostas à minha medicina, à cegueira de conhecimento em que me obrigaram a trabalhar.

Mas voltemos a Júlia.

O que define uma pessoa além do seu carácter e dos seus humores? Os seus amigos, aqueles considerados merecedores de ser depositários

da sua confiança. À luz das amizades de que alguém se rodeia ao longo da vida é possível entrever-se com clareza que tipo de pessoa é que se encontra no centro desse núcleo. Aristóteles já falava sobre isto, mas também advertia que as amizades que surgem do interesse não o são na realidade, pois nessas circunstâncias o que promove a nossa aproximação de outra pessoa é conseguir algo, de uma maneira geral um benefício. Desta forma, no caso de uma imperatriz tão poderosa como a augusta Júlia, embora possamos encontrar em torno dela um círculo próximo de amizades, no qual me incluo, cabe também perguntar-se: quem de nós se aproximou da imperatriz apenas por pura amizade sem procurar um privilégio, um prémio, uma ajuda? Até eu me aproximei dela no início para obter coisas que desejava. Depois aprendi a respeitá-la e a sentir admiração, mas será essa uma relação de amizade?

Imperatriz e poder. Isso deu-me por fim a chave para pôr em marcha a minha narração e articular o meu discurso de forma coerente: é muito complexo discernir os amigos verdadeiros de alguém poderoso, mas é muito mais fácil, e atrevo-me a dizer que é até mais objetivo, determinar quem foram os seus inimigos. É, sem dúvida, indiscutível que a imperatriz Júlia Domna teve inimigos formidáveis, opositores mortíferos, e compreender quem foram pode fazer-nos entender com exatidão quem, na verdade, foi a pessoa a quem estes tanto mal tentaram fazer. Por conseguinte, ante a incapacidade de definir bem os amigos reais da imperatriz, decidi narrar a sua história organizando-a em cinco secções, em cinco livros de acordo com os cinco grandes inimigos que a augusta Júlia enfrentou até agora: nada mais e nada menos do que cinco imperadores de Roma. Trata-se de uma lista imponente que julgo poder transmitir ao leitor deste relato a dimensão da personalidade de Júlia. A augusta nunca se amedrontou nem recuou perante ninguém.

Sempre admirei isso nela.

Mas comecemos do princípio.

LIBER PRIMUS



CÓMODO

M COMMODVS ANTONINVS PIVS FELIX AVG BRIT
Marcus Commodus Antoninus Pius
Felix Augustus Britannicus

Diário secreto de Galeno

*Anotações sobre as origens de Júlia
e sobre a loucura do imperador Cómodo*

Júlia endureceu numa constante luta pela sobrevivência desde o princípio da sua chegada a Roma, sendo o seu primeiro inimigo tão formidável quanto brutal. Prova do que afirmo são os muitos que pereceram nos últimos anos de governo do *Imperator Caesar Lucius Aelius Commodus Augustus Pius Felix Sarmaticus et caetera*, isto é, usando uma parte dos seus nomes oficiais e deixando de lado os exóticos que foi acrescentando e autonomando ao longo do seu governo; em todo o caso, para abreviar e facilitar a narração, a partir de agora referir-me-ei a ele como Cómodo.

A capacidade de sobrevivência de Júlia no meio do pior dos mundos manifestou-se suprema ante os desvarios de Cómodo, o último dos imperadores da dinastia Úlpio-Aélia ou Antonina, consoante nos fixemos nas origens desta casta com Nerva e Trajano ou no seu fim com Antonino e Marco Aurélio.

Contudo, pondo de lado a minha organização temática classificada por inimigos da nossa protagonista, concentremo-nos um pouco na cronologia de modo a situar o leitor no momento do início do nosso relato: nascida em Emesa, na província oriental da Síria, filha de um rei-sacerdote do culto ao deus do Sol El-Gabal (Heliogábalo), Júlia casar-se-ia com Septímio Severo, um prometedor legado do Império. Para consumir o matrimónio, a jovem rapariga mudou-se para Lugdunum¹, onde

¹ Atual Lião.

Septímio exercia as funções de governador da Gália Lugdunense. Ela era muito jovem, com apenas dezasseis ou dezassete anos; ele, um viúvo maduro que rondava os quarenta anos, sem filhos. O casal dava-se bem: Júlia era muito bonita e de uma inteligência notável e ímpar, embora ninguém reparasse nisso. Soube esconder esta sua capacidade por detrás da deslumbrante beleza do seu rosto e do seu pequeno corpo, do qual Septímio Severo se encantou de imediato, ao que parece num encontro prévio que ambos tiveram quando Severo desempenhava as funções de legado no Oriente alguns anos antes, quando ela era apenas uma adolescente. Mais à frente explicarei com mais pormenor esse primeiro encontro ocorrido entre ambos.

Avancemos, porém.

Depois de contrair matrimónio com Septímio Severo, Júlia engravidou apenas nove meses depois da boda, o que atesta a paixão do marido por ela, assim como a fertilidade da augusta. Nasceu então em Lugdunum o primogénito do casal, a quem puseram o nome de Bassiano, como o pai de Júlia, um pormenor que mostrava algo que muitos não souberam ver: Septímio queria agradar à mulher, pois estava apaixonado por ela. Algo compreensível do ponto de vista puramente físico e da perspectiva de um varão adulto e ainda em razoável plenitude. No meu caso é diferente, pois conheci aquela que viria a ser a imperatriz Júlia quando já tinha mais de sessenta anos. Ainda assim recordo que a sua beleza fez reviver em mim desejos carnaís que julgava já não apenas adormecidos mas sim mortos e enterrados. Não o digo porque a imperatriz caísse na frivolidade da sedução, do galanteio ou provocasse com os seus gestos nem com os seus trajes. Sempre foi prudente na maneira de se comportar, quer fosse na residência do marido, quer fosse em público. Não serei eu quem a acusará de levar uma vida de luxúria como fizeram tantos dos seus inimigos até criar dela uma imagem tão falsa quanto generalizada em muitos lugares do Império. Será essa a ideia que perdurará sobre ela, a dos boatos e da maledicência?

No entanto, a sua capacidade de enfeitiçar os homens não era fruto nem da frivolidade na sua conduta nem de erotismo fátuo. Era apenas porque há mulheres de uma tal beleza que, não importa o modo como se enfeitam nem a roupa que envergam, irradiam algo que ofusca. Júlia

sempre soube utilizar esse trunfo com o marido, quando isso pôde antever uma guerra civil, desenfreada e sem limites. Talvez também ela não tivesse tido alternativa. Adiantava-se sempre aos acontecimentos, e para Júlia atacar primeiro era a melhor opção e, quando o fazia, não costumava falhar nos seus objetivos. Creio que sempre agiu em defesa própria, mas mais uma vez estou a adiantar-me aos acontecimentos. É sem dúvida mais difícil contar uma história como esta do que redigir um dos meus manuais de anatomia. O leitor vai precisar de ter paciência comigo.

Passo a explicar a afirmação que fiz antes: nos círculos de poder de Roma, se não atacamos primeiro, os nossos inimigos aniquilam-nos, no sentido literal do termo. Júlia aprendeu tudo isso com rapidez. Os que a criticam não quiseram entender que ela foi apenas uma aluna aplicada das práticas brutais da luta pelo poder em Roma, mesmo tendo sido considerada durante anos uma estrangeira, mas ela resolveria esse problema de forma definitiva. Mas voltemos aos últimos anos de Cómodo para marcar o início propriamente dito do nosso relato: no seguimento da sua boa gestão da Gália Lugdunense, Septímio Severo foi nomeado procônsul na Sicília. Júlia e o pequeno Bassiano acompanharam-no e ali ela deu à luz o segundo filho do casal, a quem deram o nome de Geta¹ em consideração, desta vez, para com o irmão de Septímio. Ela também sabia agradar ao marido, e não só na cama. Em seguida chegaria a nomeação-chave para Septímio: governador da Panónia Superior com três legiões sob o seu comando.

Era um casamento feliz.

Sim, tudo teria decorrido com tranquilidade se Cómodo não tivesse existido.

Os acontecimentos precipitaram-se uns atrás dos outros e, no meio da loucura do imperador Cómodo, chegou o desastre. Nesse dia perdi tudo. Mas não irei dispersar-me. Esta não é a minha história, mas sim a história de Júlia.

¹ Pronuncia-se «Gueta».